

A ESPIRITUALIDADE NA REVOLUÇÃO EDUCACIONAL

Marisa Elisabete da Silva*

Resumo: O presente trabalho tem por objeto de investigação a diversidade de percepções religiosas em sala de aula, as concepções sobre a espiritualidade, antevendo uma possível proposta de educação para a espiritualidade. A finalidade principal é planejar um perfil através das definições dos professores de Ensino Religioso com as definições literárias e de autores estudiosos da espiritualidade, bem como verificar o quanto os educadores do século XXI estão empenhados no resgate dos princípios e valores espirituais no meio educacional.

Palavras-chave: Educação. Espiritualidade. Diversidade Religiosa.

Spirituality In The Educational Revolution

Abstract: This paper has the purpose to research about the diversity of religious perceptions in classroom, the conception of spirituality and to offer a proposal of education for spirituality. The main objective is to compare definitions from Religion Education teachers with literature and scholars dealing with spirituality, as well as to ascertain how much XXI century educators are engaged in rescuing principles and spiritual values in the educational environment.

Keywords: Education. Spirituality. Religious Diversity.

Introdução

A leitura de um artigo publicado em junho de 1998 referindo-se ao aumento do número de pessoas preocupadas com a situação em que se encontrava a Educação e que, até aquele momento, não se havia chegado a uma conclusão clara de como corrigir os erros da educação despertou a reflexão sobre a permanência dessa preocupação dezessete anos depois.

Como corrigir esses erros?

Até agora, teve lugar uma Educação baseada em valores materiais, em detrimento de uma educação espiritualista. A educação praticada em grande escala no mundo globalizado,

* Graduada em Letras Português-Inglês pela Universidade Regional Integrada (URI) de Santo Ângelo-RS. Especialista em Educação e Direitos Humanos pela Faculdade Palotina (FAPAS), Santa Maria. E-mail: lizzymes2011@hotmail.com

que é apontada como um direito de todos, pela Declaração Universal dos Direitos Humanos, não tem promovido a real emancipação dos povos e dos indivíduos, por colocar-se a serviço da reprodução do sistema. Como bem aponta Bauman (2011, p. 153), o segredo de toda a socialização próspera é fazer os indivíduos desejarem fazer o que o sistema precisa que eles façam para que possa se reproduzir”.

Ao iniciarem a vida estudantil, as crianças chegam com um olhar vibrante, plenas de curiosidade, questionadoras, capazes de observar uma formiga ou de se revoltar com uma injustiça, e se interessar pela dor do outro. Anos depois, saem da escola com olhar vago, desinteressadas, entediadas, sem preparo para a vida de verdade, sem nenhuma crítica ao mundo em que vão habitar e sem nenhum ideal à vista.

Incontri, no livro Educação, Espiritualidade e Transformação Social, menciona que na escola falta vida, emoção, alegria e prazer; na televisão, tudo isso é oferecido de forma fictícia, artificial, brega e esvaziante de sentido.

A autora mencionada nos convida a romper esse ciclo e a refletir sobre como reabilitar o humano em nós e na sociedade.

A quem cabe ensinar os caminhos de uma vida digna como ser humano? O que é preciso levar em consideração?

Então, tendo em vista a necessidade de transformar o ambiente escolar em um lugar aprazível, que contribua para uma melhor qualidade de vida dos alunos, torna-se essencial introduzir no cotidiano da vida estudantil momentos especiais, ainda que breves, para se refletir sobre espiritualidade e como a diversidade religiosa pode fomentá-la ou não.

Nesse sentido, sob a ótica da percepção religiosa na sala de aula, este artigo deseja incentivar o crescimento interior, acreditando-se que, com isso, seja possível perceber mudanças substanciais nas relações sociais.

O presente artigo está dividido em cinco capítulos: no capítulo 1 há uma explanação sobre Educação e Direitos Humanos, subdividida em Diversidade Religiosa, direitos humanos e ensino religioso. O capítulo 2, Espiritualidade e Religiosidade, apresenta a espiritualidade e o ambiente de trabalho e também a espiritualidade e a constituição da identidade do professor. No capítulo 3, considerando-se práxis pedagógica como as ações e práticas de ensino onde o professor coloca seus saberes em ação para transformar o ambiente e aqueles que estão nele inseridos, a autora promove um encontro entre teoria e práxis pedagógica e a descrição acontece através das subdivisões de como a pesquisa foi realizada. O capítulo 4 apresenta e discute os resultados das entrevistas com cinco profissionais relacionados com a religiosidade.

O último capítulo traz as considerações da autora acerca do educador do século XXI: resgate dos princípios e valores espirituais.

Através deste trabalho, busca-se mostrar que a Revolução Educacional depende muito do apoio de um número maior de diretores de escolas, professores, estudantes de pedagogia, mães e pais, legisladores e profissionais da mídia. Eis a importância da discussão do ensino religioso, tanto no Brasil como no mundo, que promova uma educação para a transcendência, possibilitando, assim, mudanças substanciais nas relações sociais.

Revolução Educacional, de acordo com a autora, refere-se a modificações no campo da educação devido a iniciativas espalhadas por todo o mundo e onde as experiências se dedicam a processos mais abertos e humanos que valorizam a diversidade. Sua relação com a educação para a transcendência implica em colocar à disposição do educando todos os mecanismos para que descubra no fundo de seu ser o Deus que habita no mais íntimo de sua intimidade, busque Deus no meio do mundo, intua Deus na vida diária, na vivência plena do momento presente.

A experiência pessoal nesse processo é jóia de grande valor e, por isso, a autora escreve também a seu respeito, pois desde criança esteve imersa em um lar que prezava as orações diárias, a frequência à igreja aos sábados ou domingos, o respeito às pessoas e aos mais velhos, de maneira especial, por serem frutos de experiência de vida e transmissores de valores inspiradores para as pessoas se tornarem melhores. O pai e a mãe pensavam a rotina diária de modo que fossem cumpridas as atividades profissionais, estudantis, pessoais com ordem, respeito e prazer. No final do dia, o pai chegava do serviço, tomava seu banho e sentava para tomar chimarrão com a mãe. Os filhos, sentados perto, brincavam e, depois de um tempo, participavam da conversa do pai e partilhavam como fora o seu dia. O pai sempre dizia que o maior presente que desejava oferecer aos filhos era o estudo, por acreditar que este proporciona ao ser humano uma vida melhor e o prepara para mudar a sociedade. E, dos quatro filhos, a autora seguiu o sonho paterno por acreditar que através da educação é possível transformar a sociedade fazendo-a mudar para um patamar superior.

O Curso de Pós-graduação em Educação e Direitos Humanos veio ao encontro desse grande desejo por implicar na formação de uma cultura de respeito à dignidade humana através da promoção e da vivência dos valores da liberdade, da justiça, da igualdade, da solidariedade, da cooperação, da tolerância e da paz. E acredita-se que a formação dessa cultura significa criar, influenciar, compartilhar e consolidar mentalidades, costumes, atitudes, hábitos e comportamentos que devem se transformar em práticas.

Na disciplina Concepção de Educação e Práxis Pedagógica, a primeira turma do Curso de Pós-graduação em Educação e Direitos Humanos foi convidado a escrever um texto argumentativo, fazendo uma relação entre Educação, Práxis Pedagógica e Direitos Humanos. Para tanto, ter presente que no texto argumentativo faz-se necessário defender uma ideia, uma opinião ou ponto de vista, uma tese, procurando fazer com que o leitor possa aceitar e ou crer nela. Enfatizou ainda o professor que no texto argumentativo três elementos deveriam ser considerados: a tese, os argumentos e as estratégias. A tese é a proposição ou a ideia que é defendida e as estratégias argumentativas são todos os recursos escritos utilizados para envolver o leitor e gerar credibilidade.

Naquele momento foi concebido o presente trabalho. E a gestação, acompanhada pelos médicos que ministraram as disciplinas posteriores do Curso. Houve momentos em que o repouso se fez necessário para que a calma e a paciência não atrapalhassem o filho que se desenvolvia no ventre da intelectualidade.

Em comum, todos os médicos receitaram o mesmo remédio: leitura - para treinar a tarefa de pensar. E, como todos os remédios têm efeito colateral, a leitura não deixou por menos: causou questionamentos e levou à investigação.

Nesse processo investigativo, ao tornar-se um interessado pela sabedoria, ou seja, interessar-se pela ciência, teoria e prática, determinou-se como objeto da pesquisa a diversidade de percepções religiosas em sala de aula para que o tema “A Espiritualidade na Revolução Educacional” se materializasse.

Para entender o objeto da pesquisa partiu-se para a problemática, tópico este que levou a questionamentos de como é trabalhada a diferença religiosa em sala de aula; de que forma os professores de Ensino Religioso manifestam sua concepção religiosa; e ainda se a sala de aula é um ambiente de exercício da espiritualidade.

Os objetivos deste trabalho foram para despertar um novo olhar para a vivência da espiritualidade na educação de forma a se perceber mudanças substanciais nas relações sociais.

Eis aí a grande tarefa social que nos espera: colocar em funcionamento o valor potencial do homem, permitir-lhe atingir o desenvolvimento máximo de seus dinamismos, prepará-lo verdadeiramente para mudar a sociedade humana, fazê-la mudar para um patamar superior (MONTESSORI, 2004, p. 21).

As definições sobre Espiritualidade e sua relação com os Direitos Humanos se fizeram presentes à medida que o processo de leitura era realizado, tendo em vista acreditar-se estarem interligadas.

As respostas aos questionamentos propostos foram dadas por entrevistados para atingir os objetivos estabelecidos. A pesquisadora procurou realizar uma ligação entre sua experiência pessoal como professora de português e inglês e, na caminhada, percebeu ter no início de sua vida profissional atuado como professora de Ensino Religioso o que a fez recuperar entre seus pertences documentais alguns certificados referentes à participação em Curso de Atualização do Ensino Religioso e em sua participação em Seminário Diocesano de Educação, nos idos de 1984, ambos em Santa Maria.

Esse fato tem relevância por alicerçar o posicionamento da autora entre teoria e práxis pedagógica.

Yoroshiku onegai itashimasu!¹

1 Educação e direitos humanos

Educação pode ser concebida como um processo de sociabilização exercido nos diversos espaços de convívio social, seja para a adequação do indivíduo à sociedade, do indivíduo ao grupo ou dos grupos à sociedade; é um espaço de interação entre os sujeitos e contempla saberes relacionados ao contexto da prática pedagógica, com a ambiência da aprendizagem, com o contexto sócio histórico dos estudantes, com o planejamento das atividades de ensino, com a condução da aula e suas múltiplas possibilidades.

A partir dessa concepção, depreende-se conhecimento como produção humana, provisória e sempre passível de problematização, o que reporta à avaliação, que deve ser uma efetivação de oportunidades de ação-reflexão, num acompanhamento do educador que levará o educando a novas questões. Parafraseando o Dicionário Marxista, “é uma atividade livre, universal, por meio da qual o homem cria (faz, produz) e transforma (conforma) seu mundo humano e histórico.” (BOTTOMORE, 2001, p.100).

Ao referir-mo-nos aos Direitos Humanos, concebe-se uma forma sintética de nos reportarmos à pessoa humana, sabendo-os imprescindíveis para uma vida digna. Abrangem direitos econômicos, sociais, civis, culturais e políticos, direitos estes para todos e para

¹ Yoroshiku onegai itashimasu é uma expressão de origem japonesa e, neste contexto, significa “obrigada pelo seu precioso tempo! Pode contar com minha colaboração. Também conto com a sua!”.

sempre. Seu conceito também está ligado à ideia de liberdade de pensamento, de expressão e à igualdade perante a lei.

A educação, na Declaração Universal dos Direitos Humanos, proclamada pela ONU, assume papel especial na promoção dos direitos humanos; ela é ao mesmo tempo um direito humano em si e condição para a garantia dos demais direitos. Em seu artigo 26, a Declaração especifica algumas características do direito a educação:

§ I Todo o homem tem direito à instrução. A instrução será gratuita, pelo menos nos graus elementares e fundamentais. A instrução elementar será obrigatória. A instrução técnico profissional será acessível a todos, bem como a instrução superior, está baseada no mérito.

§ II A instrução será orientada no sentido do pleno desenvolvimento da personalidade humana e do fortalecimento do respeito pelos direitos do homem e pelas liberdades fundamentais. A instrução promoverá a compreensão, a tolerância e amizade entre todas as nações e grupos raciais ou religiosos, e coadjuvará as atividades das Nações Unidas em prol da manutenção da paz.

O § II vincula três objetivos específicos: (1) pleno desenvolvimento da personalidade humana e fortalecimento do respeito aos direitos do ser humano e às liberdades fundamentais; (2) promoção da compreensão, da tolerância e da amizade entre todas as nações e a todos os grupos raciais e religiosos; e (3) incentivo às atividades da ONU para a manutenção da paz.

Ao promover o pleno desenvolvimento da personalidade humana e a dignidade que isso acarreta, a educação também promove os direitos humanos. E, para esse pleno desenvolvimento, a educação para a dignidade deve levar em conta a lista completa dos direitos humanos: direitos pessoais, como a privacidade; direitos políticos, como a participação, bem como a busca e a divulgação de informações; direitos civis, como a igualdade e a ausência de discriminação; direitos econômicos, como um padrão de vida digno; e o direito a participar da vida cultural da comunidade.

Nessa direção, o Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos (PNEDH), na edição de 2008, afirma que tanto para disseminar conhecimentos socialmente produzidos e acumulados, como para democratizar a sociedade, a universalização da educação básica é condição indispensável, com indicadores precisos de qualidade e equidade. Nessa linha de raciocínio, Paulo Freire menciona “se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda” (2000. p. 67).

Assim, entende-se que, para mudar visões, concepções e práticas no processo educativo, a revolução educacional e a educação para a transcendência perpassam esse caminho através das experiências de valorização da diversidade em sala de aula porque

mesmo sendo diferentes uns dos outros, cada um possui características e qualidades singulares, as quais nos tornam únicos e, por isso, dignos de sermos respeitados e valorizados.

1.1 Diversidade religiosa, direitos humanos e ensino religioso

O cultivo da religiosidade² é necessário para a plena realização do ser humano e, portanto, deve ser contemplado na proposta de sua educação.

O Ensino Religioso, amparado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996) presente como componente curricular do Ensino Fundamental com a proposta apresentada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Religioso³ (PCNER) em 1997, aderiu ao conhecimento do fenômeno religioso com a contribuição didática:

O Ensino Religioso visa a proporcionar o conhecimento dos elementos básicos que compõem o fenômeno religioso, a partir das experiências religiosas percebidas no contexto dos educandos, buscando disponibilizar esclarecimentos sobre o direito à diferença, valorizando a diversidade cultural religiosa presente na sociedade, constante propósito de promoção dos direitos humanos (PCNER, 2009, p. 08).

Sob o panorama da diversidade religiosa, através de suas manifestações, crenças e ritos é impossível falar do Brasil sem mencionar sua profunda Religiosidade. No entanto, ela é vista por alguns teóricos como fluída, sincrética e nômade, como na literatura mostrou Guimarães Rosa em Grande Sertão Veredas:

Eu cá, não perco ocasião de religião. Aproveito de todas. Bebo água de todo rio...Uma só, pra mim é pouca, talvez não me chegue. Rezo cristão, católico, embrenho acerto; e aceito as preces de compadre meu Quelemém, doutrina dele, de Cardéque. Mas, quando posso, vou ao Mindubim, onde um Matias é crente, metodista: a gente se acusa de pecador, lê alto a Bíblia, e ora, cantando hinos belos deles. (...) Olhe: tem uma preta, Maria Leôncia, longe daqui não mora, as rezas dela afamam muita virtude de poder. Pois a ela pago, todo mês – encomenda de rezar por mim um terço, todo santo dia, e nos domingos, um rosário (ROSA, 1967, p.15-16)

Percebe-se aqui, de forma humorada e respeitosa ao mesmo tempo, um reflexo dinâmico da riqueza da diversidade religiosa que faz parte da formação histórica brasileira, pois desde o começo nosso país se caracterizou por um processo de antagonismos que envolvia a cultura europeia, a indígena, entre outros. Na verdade, somos naturalmente

² Presente no artigo 3º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação foi realizado em 1997, pela Lei nº 9475/97.

³ O PCNER foi elaborado pelo Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso (FONAPER) como resultado de estudos com a fundamentação: histórica, epistemológica e didática. Esse documento foi entregue ao Ministério da Educação do Brasil em 1997.

sincréticos na convicção de que em todos os caminhos espirituais definitivamente tudo leva ao transcendente.

2 Espiritualidade - religiosidade

Segundo LEVIN (2003) e BLOISE (2011) tradicionalmente, espiritualidade definia uma pessoa profundamente religiosa, um estado de ser ao qual se chega apenas por meio da devoção, da religiosidade e da observância; porém, novos conceitos foram surgindo com o passar dos tempos.

Religiosidade e espiritualidade podem estar relacionadas, porém não são sinônimos. A espiritualidade possui um conceito mais amplo do que religião, por ser a segunda apenas uma expressão da primeira. A religiosidade envolve um sistema de culto e doutrina, que é compartilhado por um grupo e, portanto, tem características comportamentais, sociais, doutrinárias e valorais específicas. Por outro lado, a espiritualidade está relacionada ao transcendente, com questões definitivas sobre o significado e o propósito da vida, e com a percepção de que há mais na vida do que aquilo que pode ser visto ou inteiramente entendido (SAAD; BATTISTELLA; MASIERO, 2001 p.107-110).

Koenig (2007, p. 85) define espiritualidade como uma busca pessoal de respostas sobre o significado da vida e o relacionamento com o sagrado ou com o transcendente, que pode ou não levar ao desenvolvimento de práticas religiosas. Já, para Stroppa (2008, p.3), a religiosidade é entendida como uma extensão de que o indivíduo acredita, segue e pratica em uma religião organizacional ou não; diz respeito ao nível de envolvimento religioso e ao reflexo de sua influência nos hábitos e no cotidiano da vida das pessoas.

De acordo com Allport (1967), a religiosidade de uma pessoa pode ser intrínseca ou extrínseca. Na religiosidade extrínseca, a religião é um meio utilizado para proporcionar segurança e consolo, sociabilidade e distração, status e autoabsolvição. Na religiosidade intrínseca, as pessoas têm na religião seu bem maior; logo, as outras necessidades são vistas com menor importância, mas sempre que possível são colocadas em harmonia com sua orientação e crença.

2.1 Espiritualidade e o ambiente de trabalho

Segundo Vasconcelos (2008, p. 17), é no meio do trabalho que se externam os valores morais, a ética. Ele declara espiritualidade como processo de movimentação de poderosas forças universais que jazem no nosso íntimo em direção ao mundo exterior. No contexto do trabalho, implica externar plenamente todo o arsenal de virtudes e qualidades intelectuais que já possuímos com vistas à construção de experiências mais enriquecedoras e realizadoras para nós e para os que nos cercam ou dependem do nosso esforço.

Na área da educação, a partir do final da década de 90, no Brasil, o tema da espiritualidade foi tangenciando as pesquisas voltadas para a educação para a paz; para a educação do homem integral, para a inclusão da Educação Religiosa como disciplina no currículo. (ESPÍRITO SANTO, 1998; GUERREIRO, 2004; ARAUJO, 2005). Porém, pouco se vê da espiritualidade em relação à permeação dela como dimensão da identidade do professor.

2.2 A espiritualidade e a constituição da identidade do professor

O homem vive em estado de inquietação, com uma gama de opções de pensamentos e de ideologias diversas, todas convivendo em uma sociedade que não fornece bases únicas de valores. Isso interage com sua identificação pessoal e profissional.

Na educação, essa transição e entrada em uma sociedade dita pós-moderna⁴ acontece de várias formas. Movimentos surgiram no sentido de olhar e educar o aluno de maneira integral. Considerar tanto a razão, como o corpo e a emoção tornou-se palavra de ordem. Até os currículos e planejamentos começaram a incluir conteúdos atitudinais, conceituais, factuais e procedimentais, deixando, contudo, de se preocupar com a formação da espiritualidade e das emoções. A espiritualidade ficaria a cargo de igrejas e as emoções com o psicólogo.

Em uma outra direção, alguns buscam o desenvolvimento entre o sagrado e o secular. Na realidade, isso nunca deixou de existir. Vê-se uma educação voltada para a formação de homens piedosos em Comenius; ou ainda uma visão mais integral do ser humano em Rousseau, em Stanislav Gorf, Gusdorf, ou em Freinet e Montessori, entre outros.

⁴ Considere-se aqui pós-modernidade como a época das incertezas, das fragmentações, das desconstruções, da troca de valores.

No entanto, apesar da grande influência desses pedagogos na educação, esses movimentos tiveram pouca influência na organização da escola de maneira geral, sendo que esta ainda funciona a partir de uma racionalidade fragmentada. E, além disso, a formação dos educadores é voltada para essa escola e é feita dessa maneira, fragmentada, sem que seja trabalhada com o professor a consciência da sincronicidade das dimensões do seu trabalho e da sua pessoa. Continua-se a separar as diversas áreas de atuação profissional e áreas de formação do professor (conhecimento técnico, conhecimento do desenvolvimento psicológico e cognitivo dos alunos, conhecimento de didática...), sem sequer trazer à discussão as interferências e interdependências dessas áreas, conforme já apontado em pesquisa por Placco (1992). Muito menos ainda, a dimensão da espiritualidade do homem e sua relação com as demais áreas de atuação dele é observada.

Morim (2000, p. 40-41) assinala que essa era da modernidade trouxe para a escola o enfraquecimento da percepção do global que conduz ao enfraquecimento da responsabilidade, pois cada qual tende a ser responsável apenas por sua tarefa especializada, assim como ao enfraquecimento da solidariedade, onde cada qual não mais sente os vínculos com seus concidadãos.

De acordo com Gusdorf: “Um tal sistema é desumano porque ninguém, dentre os professores, preocupa-se ou tem a seu cargo uma educação da alma. Cada um tenta realizar a sua missão segundo sua consciência profissional”. (1970, p. 50).

Faz-se necessário olhar a dimensão da espiritualidade de maneira mais direta. Ver sua relação, influência e interdependência com as demais áreas da vida e perceber como ela se manifesta na constituição da identidade profissional do professor. Esta é uma dimensão importante ao se estudar a identidade profissional do professor?

Placco (1992, 1994, 2006) aponta várias dimensões: a técnico-científica, a humana interacional, a política, a da formação continuada, a estética e cultural e outras, demonstrando sua sincronicidade, com relevos diferentes a cada nova circunstância que é acionada na vida, tanto profissional quanto pessoal, do professor. Ela discute que cada ação feita pelo professor ou acionada pelo dirigente ou coordenador pedagógico interfere em uma dessas dimensões, e que terá influência sobre as demais, sendo que o processo de formação deveria promover nos professores a tomada de consciência dessas dimensões em sua prática profissional.

O reconhecimento dessas dimensões postuladas por Placco é de imensa importância para a compreensão e análise da identidade profissional dos professores, embora não tenha adentrado a dimensão que é considerada aqui essencial para eles, a da espiritualidade.

Entende-se, pois, que a dimensão da espiritualidade é aquela que confere sentido último à vida. Pode-se considerá-la como uma supra dimensão que reúne as demais sob si. Esse aspecto ganha relevância especial na escola confessional, mas não é apenas o professor da escola confessional que lida e opera com a dimensão da espiritualidade.

Conscientes ou não, todos, de acordo com a proposição de Frankl, lidam com tal dimensão. Considerando-se o fato de que é ela que confere sentido às ações do professor, entende-se que poderia levar o professor a questionar e entrar em contato com sua missão profissional, sua responsabilidade pelo outro. Não se intenciona com isso desprofissionalizar o professor colocando-o como um missionário, mas oferecer a ele espaço para refletir, narrar-se e tornar-se responsável pelo outro, seu aluno, que também busca sentido para sua existência em uma sociedade complexa como a nossa.

No entender de Placco e Souza (2006), o professor construirá sua identidade profissional a partir da sua atuação e interação em determinados tipos de instituições e sociedades. É uma aprendizagem manifestada, amalgamada nos e pelos saberes e experiências vividas por ele. Trata-se, portanto, de um processo de formação identitária.

As experiências do professor entrarão em interação com sua história de vida pessoal, contribuindo para sua configuração identitária. O profissional não terá sua profissionalidade determinada pela instituição em que trabalha, mas ele, com certeza, será grandemente influenciado pela mesma, seja pela aceitação pura, pela rejeição ou pela negociação com as ideologias e filosofias da mesma.

Hoje em dia, como é que se podem pensar estas trajetórias da vida privada, profissional, político-religiosa cada vez mais diversas, mutáveis, aleatórias? Como é que se podem unir estas diversas esferas de atividade para perceber o significado subjetivo das mudanças precedentes? Como é que se podem interpretar as relações entre as mudanças sociais e as evoluções das subjetividades, e, logo, da identidade pessoal? (DUBAR, 2005, p. 165).

Ainda é importante ressaltar que o movimento existente entre as atribuições feitas pela instituição e a pertença do professor, também define a instituição. Isso é muito significativo, uma vez que as instituições deveriam ter uma missão e embasamentos filosóficos muito definidos. Esses precisam ser ensinados ao professor para que ele os compreenda e exerça de maneira consciente. É o professor que revelará aos alunos a ideologia da instituição nas práticas e atividades educacionais e nas relações que estabelecer com seus alunos.

Scoz (2004), estudando a identidade de professores, afirma também que esta é produzida nas atividades. A identidade pode ser compreendida como algo em construção, com

base nos sentidos que os sujeitos vão produzindo na condição singular em que se encontram inseridos em suas trajetórias de vida e, ao mesmo tempo, em suas diferentes atividades e formas de relação. Assim, a identidade é resultado das complexas sínteses das experiências individuais dos sujeitos em diferentes contextos de expressão.

Entende-se que trabalhar a capacidade de reflexão sobre a vida, a narração de histórias pessoais, o questionamento sobre a prática na relação com a escola e com a formação, poderá ser, a partir da compreensão da teoria de Dubar, uma forma de colocar em questão a reflexão, a narração e a consciência do professor sobre a identidade da comunidade a que pertence e a sua constituição identitária.

Evidentemente, isso poderá gerar no professor uma crise, pois ele poderá não aceitar a identidade que a escola confessional (ou não) atribui a ele. No entanto, não se deve temer essa crise, pois ela esclarecerá e fortalecerá tanto a identidade profissional do professor, a consciência da sincronicidade de suas dimensões profissionais, a sua capacidade de aprender, como, também, o projeto político pedagógico da escola.

O professor necessita esquadrihar, conhecer e fazer a crítica dos pressupostos da escola para tomar consciência deles e torná-los em experiências vivenciadas de aprendizagem.

No caso de escolas confessionais, a certeza das coisas que crêem deve ser tão forte que não possa haver temor de questionamentos, mas segurança de que esses promoverão movimentos de tomada de consciência e fortalecimento das identidades tanto da escola como do professor.

A escola que tem uma ideologia declarada necessita de professores que trabalhem coerentemente com ela. A formação do professor buscará essa identificação do mesmo com a instituição por meio de um processo de formação que favoreça a constituição identitária de ambos.

Faz-se interessante e necessário que a escola proporcione momentos para o professor questionar, esquadrihar, pensar sobre os princípios que a sustentam, para falar e escrever sobre sua prática e sobre a forma como produz sua prática naquele determinado espaço com aquela determinada visão de mundo, na busca de atingir os objetivos do projeto da escola, que dialeticamente, é produzido pelos professores, mesmo tendo uma ideologia própria definida em sua visão, missão e fundamentação filosófica.

Ao ter consciência da ideologia da escola em que atua, o professor poderá examinar e alterar várias dimensões de seu trabalho, exercendo um autoexame e desenvolvendo seu

autoconhecimento, sem com isso ser alguém sem uma identidade narrativa, pelo contrário, favorecendo o desenvolvimento da mesma.

Na medida em que o professor entrar em contato com a razão de ser de sua existência, haverá influência direta sobre o como desempenha suas funções, sobre o como busca crescimento pessoal nas demais dimensões, humano-interacional, afetiva, ética, técnica e estética.

3 Encontro entre teoria e práxis pedagógica

A autora constata que existe uma relação dialética fundamental entre a teoria pedagógica e a prática educativa. A prática é definida como os relacionamentos práticos presentes na educação e a teoria como uma ciência da educação. Tanto teoria quanto prática mantém uma relação de dependência, devido ao fato de a prática ser o ponto de partida para que a teoria se oriente e a teoria volta à prática para modificá-la.

Assim, este estudo é fruto de uma pesquisa descritiva qualitativa onde buscou-se verificar a percepção religiosa em sala de aula. Para tanto, foram eleitos para o estudo professores de Ensino Religioso, de diferentes correntes religiosas, na cidade de Santa Maria do Estado do Rio Grande do Sul.

A pesquisa teve como objetivos específicos proporcionar uma visão mais integrada entre teoria e prática pedagógicas, assim como promover o conhecimento de educadores que não são estudados na Universidade para que tenham uma visão mais integral do ser humano. A pesquisadora, sob a ótica dos Direitos Humanos, apresenta a relação entre espiritualidade e religiosidade considerando o ambiente de trabalho e a identidade do professor de Ensino Religioso.

A proposta inicial para a coleta de dados era de realizar entrevistas com professores de Ensino Religioso que se identificassem com o Catolicismo, o Espiritismo, a Umbanda e com denominações protestantes como a Adventista, Evangélica, etc.; no entanto, alguns apresentaram resistência, pois não se sentiram à vontade para falar sobre o assunto. A opção foi entrevistar convidados que se dispuseram a colaborar com a proposta e por terem o conhecimento e a possibilidade de refletir sobre a temática, relacionando com a formação pessoal e de alguma forma contribuírem com o meio educacional em sala de aula ou não.

A coleta de informações foi realizada utilizando um roteiro especialmente confeccionado para esse fim, aplicado no ambiente de trabalho ou pré-determinado ou via e-mail.

A pesquisa foi qualitativa por ser aplicada a partir da necessidade de um olhar diferenciado aos dados obtidos e provir das relações humanas, de opiniões, sensações ou percepções pessoais, muitas vezes subjetivas, que procurarão ser interpretadas e compreendidas pela pesquisadora.

Este estudo abarca a relação entre espiritualidade e educação para a espiritualidade considerando os educadores do século XXI e seu engajamento em resgatar para o meio educacional os princípios e valores espirituais. Ao realizá-la, confirma-se ser qualitativa, por observar-se o resgate de crenças e valores pessoais projetados no campo profissional dos entrevistados.

Também trata-se de uma pesquisa descritiva, pois segundo Gil (1996), caracteriza-se por descrever determinados fenômenos ou população bem como descrever as informações coletadas relacionando com hipóteses ou trazendo à tona novas questões. Durante a pesquisa descrevem-se as informações coletadas a partir das entrevistas realizadas cruzando-as com o referencial teórico realizado durante a pesquisa bibliográfica.

Além de qualitativa e descritiva também é uma pesquisa semiestruturada. Antes de inicia-la, os entrevistados foram situados acerca do que trata o estudo, bem como esclarecidos da importância e objetivo da atividade, possibilitando maior entrosamento entre os envolvidos.

Cinco professores, na faixa etária de 31 a 60 anos, foram entrevistados, sendo três do sexo feminino e dois do sexo masculino. A participação em Congressos, Seminários, Palestras, Convenções, Conferências e Mostra Pedagógica evidencia o comprometimento com sua formação continuada.

Para a técnica de entrevista, foram utilizadas questões orientadoras que, conforme Minayo (2006), facilitam a abordagem e asseguram que os pressupostos sejam contemplados.

As questões aplicadas foram:

- a) Ser espiritualista e ser religioso tem o mesmo significado para você? Por favor, explique seu ponto de vista.
- b) Como você manifesta ser espiritualista e/ou ser religioso em sala de aula? Justifique sua resposta, por favor.
- c) Como seus alunos manifestam sua concepção religiosa em sala de aula?
- d) Como você trabalha a diferença religiosa em sala de aula? Por quê?
- e) Você considera que a sala de aula é um ambiente de exercício da espiritualidade? Por favor, explique.

Uma das formas de sistematizar os dados coletados é a partir de análise de conteúdo obtidas através da comunicação na coleta de dados, para que o pesquisador tenha que interpretar nas entrelinhas e buscar as informações que objetiva a partir de análise minuciosa do material coletado.

Toda pesquisa deve priorizar a ética e só terá validade se trouxer benefícios sociais. A expectativa é que este trabalho desperte os participantes e leitores ao resgate para o meio educacional dos princípios e valores espirituais.

Para respeitar a identidade real de cada entrevistado, no decorrer do texto receberão codinomes. São eles Alegria, Bondade, Carinho, Dedicção e Entusiasmo, sendo que Alegria e Bondade atuam em sala como professores de Ensino Religioso; Carinho não atua na área específica, mas é professor e não manifesta publicamente sua prática religiosa. Dedicção, atua como colaborador para apresentar a religião Afro-Brasileira em escolas nas quais é convidado.

4 Apresentação e discussão dos resultados da pesquisa

Neste ponto serão apresentados os resultados da pesquisa, a partir das respostas dos entrevistados.

a) Ser espiritualista e ser religioso tem o mesmo significado para você? Por favor, explique seu ponto de vista.

Alegria - Não. O espiritual seria o pessoal e religioso seria ter participação efetiva em uma religião.

Bondade - Não. Ser espiritualista é ter uma prática diária espiritual e ter religiões é seguir uma doutrina.

Carinho - Sim, pois além de crer na espiritualidade, achar que estamos imersos em um ambiente espiritualizado, tenho uma religião de cunho espiritualista como minha religião.

Dedicção - Não. Pois para ser espiritualizado não depende de religião.

Entusiasmo – Não, pois acredito que ser religioso é ser católico e espiritualista é ser mais amplo, não ficar centrado em uma única religião.

b) Como você manifesta ser espiritualista e/ou ser religioso em sala de aula? Justifique sua resposta, por favor.

Alegria – Colocando e assumindo sempre o meu ponto de vista.

Bondade – Fazendo orações por meus alunos. Porque devemos nos conectar com Deus em todos os momentos e situações cotidianas

Carinho - Durante palestras que ministro, sobre a religiosidade afro-brasileira, sempre que perguntado qual a minha religião eu de pronto transmito que sou Umbandista, porque também faz parte de uma desconstrução de negatividade sobre as religiões de cunho africano, tão permeadas de preconceitos.

Dedicação - Espiritualidade do modo de vida e ensinamento. Religiosidade em agradecimento (pelo dia, a vida, saúde, família, alimentação, etc.).

Entusiasmo – Religioso, pois trabalho em uma escola católica.

c) Como seus alunos manifestam sua concepção religiosa em sala de aula?

Alegria- Da mesma forma que eu tenho liberdade de credo após a Constituição de 1988.

Bondade - Quando faço a oração Amatsu Norigoto ou a oração de agradecimento pela permissão de termos aquela aula.

Carinho - Quando solicitados acabam por expor, mas sinto que durante as falas sobre africanidade, muitos dos alunos ligados a religiosidade de matriz africana ou a umbanda, acabam relaxando mais e expondo sua religiosidade para o grande grupo.

Dedicação - Colaboram com a forma de agradecimento.

Entusiasmo – Abertamente, sem tabus.

d) Como você trabalha a diferença religiosa em sala de aula? Por quê?

Alegria - De forma participativa através de debates após conhecimento prévio de cada religião.

Bondade - Fazendo o conhecimento das diversas concepções religiosas e levando-os a refletir que a origem da Humanidade é uma só. Porque Deus só se manifesta em rituais diferentes.

Carinho - A diversidade é e deve ser trabalhada de forma a desconstruir pré-conceitos e discriminações ainda muito fortes em nosso meio, principalmente a demonização das religiosidades de matriz africana.

Dedicação - Respeitando todas as crenças religiosas. Por que todo o ser humano tem direito a liberdade, a fraternidade, e todos buscam a paz.

Entusiasmo – Respeitando cada uma com suas particularidades.

e) Você considera que a sala de aula é um ambiente de exercício da espiritualidade? Por favor, explique.

Alegria - Sim. Como respondi na primeira questão que a espiritualidade é pessoal, ela sempre nos acompanha.

Bondade - Sim. Porque é o momento de ensinar que na nossa vida Deus é o principal e que ao nos ligarmos a Ele nossa vida se transforma.

Carinho - Não, a ideia de se trabalhar o conhecimento sobre as religiões de forma científica é válida como forma de conhecimento, mas exercitar a espiritualidade deve ser de cunho pessoal, e não fazer parte de um ambiente que deve ser múltiplo, a não ser que exista um momento ou espaço para que cada aluno demonstre e expresse sua própria crença, de forma a exemplificar aos colegas, mas sempre algo de cunho voluntário e não autoritário.

Dedicação - Sim. Por que a espiritualidade está em todo o ser humano que tiver amor ao próximo, pois é importante para vida na busca de energia e iniciativas positivas com potencial para melhorar a qualidade de vida.

Entusiasmo – Sim, pois é um espaço que concentra todos os tipos de religião.

4.1 Compreensão sobre espiritualidade e religiosidade

Dos cinco entrevistados, Alegria, Bondade, Dedicação não veem espiritualidade e religiosidade com o mesmo significado. Para eles a espiritualidade tem cunho pessoal ao passo que a religiosidade implica em seguir uma doutrina. Entusiasmo concebe que espiritualidade independe de religião, mas deixa claro que ser religioso é ser católico; Carinho, por sua vez, acredita que as duas concepções têm o mesmo significado e justifica sua opinião afirmando estarmos imersos em um ambiente espiritualizado e ser praticante de uma religião espiritualista.

As concepções sobre a espiritualidade e religiosidade expressadas pelos entrevistados vem ao encontro da expectativa da pesquisadora, pois acredita ser um direito de cada um manifestar a sua opinião, principalmente por vivermos em uma sociedade que diz abertamente não se dever falar sobre futebol e religião. Em conversa informal dois dos entrevistados disseram que não haviam parado para pensar especificamente no assunto antes e durante este trabalho tiveram a oportunidade de questionar-se sobre sua espiritualidade no dia-a-dia. Eis um momento especial, mesmo que breve, para refletir sobre espiritualidade e como a diversidade religiosa a fomenta ou não.

4.2 Professor: manifestação de sua concepção religiosa

Alegria manifesta ser espiritualista e ou religioso em sala de aula colocando e assumindo seu ponto de vista; Bondade, através de orações por e com seus alunos justificando que a conexão com Deus deve acontecer em todos os momentos e situações cotidianas. Dedicção, por sua vez, afirma manifestar sua espiritualidade pelo modo de vida e pelo ensinamento ao passo que a sua religiosidade se manifesta através da gratidão pelo dia, vida, saúde, família, alimentação. Entusiasmo reafirma ser religioso, pois trabalha em uma escola católica. Carinho expressa sua espiritualidade durante as palestras que ministra sobre a religiosidade afro- brasileira, apresentando-se como umbandista quando perguntado, pois faz parte da desconstrução de negatividade sobre as religiões de cunho africano tão permeadas de preconceitos.

Percebe-se aqui o desempenho do professor realizando uma conexão com a sua busca de crescimento pessoal, procurando ajudar seus alunos a aprofundarem o sentido da vida mesmo que através de breves momentos.

4.3 Aluno: manifestação de sua concepção religiosa

No geral, os cinco entrevistados afirmam que seus alunos têm liberdade para manifestar sua concepção religiosa. Alegria retoma a legislação brasileira, afirmando que isto acontece principalmente após a Constituição de 1998⁵; Carinho reafirma que ao falar sobre africanidade os participantes ligados a esta matriz sentem-se mais à vontade para expor sua religiosidade ao grande grupo.

Não é possível perceber aqui, de forma concreta, como os alunos manifestam sua concepção religiosa em sala de aula, mas sim uma contribuição para vivenciar os Direitos Humanos através de um caminho com o Divino.

4.4 Diversidade religiosa em sala de aula

No quesito trabalhar a diversidade religiosa em sala de aula as respostas apresentaram respeito às particularidades, participação em debates após prévio conhecimento das diversas

⁵ Com Proclamação da República o Brasil tornou-se um país laico, consequentemente, garantiu a liberdade de crença. A Constituição de 1988 prescreve essa liberdade, enaltecendo também a liberdade de culto religioso e proteção às organizações religiosas. A imunidade tributária é um dos mecanismos escolhidos pela Carta de 1988 para assegurar o direito à liberdade de crença, como prescrevem o artigo 19, inciso I, e o artigo 150, inciso VI

concepções religiosas, haja vista que todo ser humano tem direito à liberdade, à fraternidade e todos buscam a paz. Bondade enfatiza levar os alunos a refletir que a origem da Humanidade é uma só e que nessa fé em Deus apenas manifesta-se em rituais diferentes. Carinho reafirma que a diversidade é e deve ser trabalhada de forma a desconstruir preconceitos e discriminações ainda fortes em nosso meio, principalmente a demonização das religiosidades de matriz africana.

A pesquisadora percebe, com gratidão, como os entrevistados demonstraram que, antes de tudo é preciso aceitar que somos todos iguais apesar de nossas diferenças. Na diversidade religiosa em suas salas há um pedacinho de verdade em cada crença e que o respeito deve estar dentro de cada um de nós.

4.5 Sala de aula: ambiente de exercício da espiritualidade

Quatro entrevistados, Alegria, Bondade, Dedicção e Entusiasmo concebem a sala de aula como ambiente de exercício da espiritualidade por ser um espaço que concentra a diversidade religiosa, uma vez que a espiritualidade está em todo ser humano e são importantes iniciativas para melhorar a qualidade de vida, além do fato de que Deus é o principal em nossa vida e que ao nos ligarmos a Ele nossa vida se transforma. Carinho discorda e explicita que a ideia de trabalhar o conhecimento sobre religiões de forma científica é válido como forma de conhecimento, mas exercitar a espiritualidade deve ser de cunho pessoal e não fazer parte de um ambiente múltiplo. A não ser que exista um momento ou espaço para que cada aluno demonstre e expresse sua própria crença, de forma a exemplificar aos colegas, mas sempre de cunho voluntário e não autoritário.

A resposta de Carinho reporta a Paulo Freire:

Se, na verdade, não estou no mundo para simplesmente a ele me adaptar, mas para transformá-lo; se não é possível mudá-lo sem um certo sonho ou projeto de mundo, devo usar toda possibilidade que tenha para não apenas falar de minha utopia, mas participar de práticas com ela coerentes. (2000, p.33)

Na verdade, Carinho nos coloca frente a frente com o fato de que, como educadores, é necessário sermos testemunhas coerentes em qualquer ambiente, neste caso especialmente, em sala de aula, pois todos fazemos parte do processo de transformação social.

5 A espiritualidade na revolução educacional

Em pleno século XXI percebe-se uma crise de valores em que o ter e o poder prevalecem sobre o ser.

Frei Beto (1997), um dos maiores teólogos e intelectuais brasileiro, ao falar em uma palestra⁶, disse que há uma percepção das pessoas a respeito dos limites da razão e um certo cansaço do racionalismo que leva à emergência da espiritualidade. Disse ainda que, em qualquer livraria, de qualquer país, a literatura religiosa, esotérica e espiritualista tem uma grande aceitação. Mas não significa necessariamente que as pessoas estão ficando mais religiosas. Busca-se algo que o consumismo não oferece, um sentido para a vida: por que vivo, qual a razão desta minha única experiência de ser no mundo, neste breve espaço dos meus anos de vida? A sede de sentido é que explica a busca desenfreada de religiosidade. Somos seres abertos à transcendência, o ser que tem fome de Deus.

O grande desafio que se apresenta, então, é como resgatar a espiritualidade? Falar em espiritualidade é ir além das religiões institucionais. É resgatar a subjetividade humana, é resgatar os valores da subjetividade, como voltar a uma cultura onde o trabalho, o pragmatismo ceda lugar à contemplação, à reflexão, à sabedoria, ao aprofundamento dos valores. Como restabelecer vínculos humanos que estão se perdendo com a aceleração da tecnologia?

Frei Beto citou um exemplo que é pertinente. Disse que sonhava escrever uma peça de teatro sobre uma família que vivesse numa casa no campo, onde o acesso à cidade mais próxima não seria fácil. De repente, a luz acabaria nessa casa e, por uma semana, ninguém poderia ver televisão. O que aconteceria nessa família obrigada pela circunstância a dialogar entre si? É capaz de o pai falar para a filha: "Mas, moça, como é que você se chama mesmo?" Enfim, isso para mostrar que há uma sede de recuperação desses valores.

A Revolução Educacional perpassa esse caminho. A Revolução Educacional depende muito do apoio de um número maior de diretores de escolas, professores, estudantes de pedagogia, mães e pais, legisladores e profissionais da mídia. Eis a importância da discussão do ensino religioso, tanto no Brasil como no mundo, que promova uma educação para a transcendência possibilitando, assim, mudanças substanciais nas relações sociais.

Em si, as tradições religiosas têm como missão ajudar as pessoas a aprofundar esse sentido mais profundo da vida e aprimorar a vocação de toda pessoa para o amor. Só assim, o

⁶ Palestra realizada em 20 de novembro de 1997 na Federação do Comércio do estado de São Paulo. Bibliografia

ser humano pode percorrer o caminho para o Mistério último da essência de tudo, mistério que a maioria das religiões chama de Deus. O risco permanente é que, ao terem como meta a união com o divino, as diversas tradições acabem por escamotear um degrau fundamental. Tentam viver o divino sem se dar conta de que ele só se encontra no próprio humano. Embora a crença de que Deus se manifestou plenamente em um ser humano (o Cristo) seja própria do cristianismo, na realidade, todas as religiões, de uma forma ou de outra, são obrigadas a reconhecer: o divino só pode ser encontrado realmente no humano. O que Irineu, pastor da Igreja de Lyon, ensinava aos cristãos no século II vale para toda pessoa de qualquer religião e de todos os tempos: “Como você poderá divinizar-se se ainda nem se tornou humano? Antes de tudo, garanta a condição de ser humano e, assim, poderá participar da glória divina”.

Essa plena humanização só se alcança pela solidariedade efetiva e amorosa, principalmente em relação às pessoas mais frágeis e empobrecidas. No mundo antigo, Buda começou o seu caminho de iluminação, motivado pela compaixão solidária aos miseráveis que ele viu ao sair do seu palácio real. Mais tarde, no deserto, o profeta Muhamad recebeu a mensagem do anjo para reunir as tribos sofridas do seu tempo. O Judaísmo reconhece o seu berço no Êxodo, quando Moisés sente-se chamado por Deus para libertar os hebreus oprimidos. E Jesus de Nazaré, para testemunhar o projeto divino vindo ao mundo, curou doentes, confortou os aflitos e revelou aos marginalizados: Deus está do lado deles.

As tradições espirituais indígenas e afrodescendentes, ao privilegiarem a relação amorosa com a terra, a cura das doenças e o equilíbrio da vida, revelam essa mesma raiz ética e espiritual.

Em 1993, em Chicago, o IIº Parlamento Mundial das Religiões promulgou a Declaração de uma ética global. Ali, delegados das mais diversas tradições religiosas afirmaram:

“Condenamos os abusos contra os ecossistemas da terra. Condenamos a pobreza que sufoca o potencial da vida. Condenamos a desordem social das nações, a indiferença ante as injustiças que oprimem os povos. (...) A base para uma ética global já existe. (Ela não consiste apenas na Declaração dos Direitos Humanos e em suas complementações, firmadas pela sociedade internacional, mas tem ali uma base concreta da qual se pode partir). É preciso nos comprometermos com essa base, a partir da diversidade de nossos caminhos espirituais...”.

A contribuição própria da Espiritualidade humana, religiosa ou não, para a vivência dos Direitos Humanos é fazer desse caminho um método de intimidade com o Divino, presente no humano.

Conclusão

Na introdução foram levantados questionamentos sobre como corrigir os erros da educação, a quem caberia ensinar os caminhos de uma vida digna como ser humano e o que seria preciso levar em consideração.

Percebeu-se, através do desenvolvimento deste trabalho, que há, em diferentes instâncias sociais, o interesse sobre Espiritualidade. Particularmente, a autora passou por um processo de desnudamento durante a confecção deste artigo. Trouxe à tona a incoerência entre a sua teoria e a sua prática. Apregoa o respeito à diversidade religiosa, mas conseguiu escandalizar-se ao saber que um membro de sua família é praticante da africanidade. Foi necessário uma pesquisa para que a máscara caísse.

As perguntas foram respondidas e, mais do que isso, impulsionaram um olhar verdadeiro para a espiritualidade.

A autora acredita que os familiares e os educadores das Escolas devem somar esforços para ensinar os caminhos de uma vida digna como um ser humano; que a criança é o espelho da sociedade. E para que haja o desenvolvimento saudável de uma criança é preciso uma Educação verdadeiramente religiosa, onde o espírito é o principal, a mente obedece e o corpo acompanha.

A verdadeira Educação é fruto de uma reformulação para incorporar a trindade: educação espiritual, intelectual e física. E é esta Educação que proporcionará aos jovens voar em direção ao futuro.

Urge criar um sistema educacional que contribua no desenvolvimento da personalidade, isto é, ter atitudes cotidianas que envidem esforços para a edificação de um mundo que, além da ciência material conquistada, obtenha o progresso emocional e espiritual utilizando bem o conhecimento.

Se no lar, na escola, for ensinado o caminho de uma vida digna, disciplinando, desenvolvendo a personalidade de cada filho, serão formados adultos úteis à sociedade, que desempenharão papéis de destaque no mundo. Levando isto em consideração, ter-se-á uma clara visão da forma de desenvolver a personalidade de um ser humano, de melhorar o mundo. Os políticos, os educadores, os pais, os filhos, enfim, todas as pessoas que amam o seu país devem somar esforços, com espírito de união para reformar a Educação. Os Educadores devem ser pessoas que aprimoram suas próprias personalidades para orientar os outros com amor e sinceridade.

Espiritualmente, a palavra amor significa “Intenção dos Céus” e o de sinceridade é “Aceitar diretamente a Vontade de Deus e agir imediatamente”. Orientar com amor é uma condição essencial na formação de pessoas, pois apenas com bondade não será possível fazer uma pessoa se desenvolver saudavelmente e, por outro lado, isto não se conseguirá apenas com a severidade.

Acreditando que em tudo há essência, a palavra também o tem; assim, o espírito da palavra Educação (ki-yo-u-ku) significa: “ki – energia espiritual, essência espiritual; yo – conceder; u – gerar, dar vida; i – intenção; ku - sedimentação”. Portanto, o verdadeiro significado de “educação” é “conceder a essência espiritual da vida, a essência espiritual de Deus”.

Para que isto ocorra, a educação dos jovens não deve ser deixada por conta apenas da escola, mas é necessário que a família, a sociedade, todos unidos, realizem um grande movimento para despertá-los na fé voltada a Deus SU⁷.

Para que os filhos melhorem é preciso que os pais purifiquem-se espiritualmente. Isto quer dizer que, purificando-se o aspecto espiritual da nascente, que são os pais, a Luz Divina passará por este aspecto espiritual puro e deixará os filhos, a foz, repletos de Luz. Este é o ponto principal na educação dos filhos. É importante que os pais cheguem a ser pessoas que transformam os outros sem pretender.

Quanto aos educadores, se ficarem cientes de que educar significa transferir suas próprias qualidades espirituais e personalidade aos outros, conseguirão ensinar convictos de que as dificuldades na vida são as melhores oportunidades para o fortalecimento espiritual; e que é necessário refletir, no dia-a-dia, se estão sabendo agradecer e retribuir a Deus e aos pais.

Mais ainda, se os jovens despertarem para o fato de que no sol, na água, no ar, no arroz, nos verdes campos, em tudo há a manifestação divina, eles mudarão.

A autora faz suas as palavras do Dr. Andris Tebecis⁸: para compreender a essência da Luz e das leis universais, para fazer com que se tornem vivas, é valioso experimentar a Luz de Deus como uma maneira de viver. De outra forma, adquirir informação pode permanecer como um exercício intelectual. É como as maçãs. Pode-se descrever muitas coisas sobre as maçãs. Contudo para realmente conhecer maçãs e se beneficiar delas, você pelo menos tem que comê-las. E comer somente uma ou duas vezes tampouco é suficiente. Você tem que

⁷ Deus SU significa Deus Supremo

⁸ Andris Karlis Tebecis, PhD, pesquisador no campo da neurofisiologia e neurofarmacologia é Diretor Regional da Sukyo Mahikari na região da Austrália e Oceania. Praticante da Arte Mahikari, arte da imposição da mão. Escreveu o livro “Is the Future in Our Hands? My Experiences with Sukyo Mahikari”

saborear muitas delas ao longo do tempo. É a mesma coisa com a Luz de Deus e as leis universais.

Então, tendo em vista a necessidade de transformar o ambiente escolar em um lugar aprazível, que contribua para uma melhor qualidade de vida dos alunos, torna-se essencial introduzir no cotidiano da vida estudantil momentos especiais, ainda que breves, para se refletir sobre espiritualidade e sobre como a diversidade religiosa pode fomentá-la ou não.

Referências

BAUMAN, Zygmund. **A Ética é possível num mundo de consumidores?** Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

BLOISE, P. et al. **Saúde integral: a medicina do corpo, da mente e o papel da espiritualidade.** São Paulo: SENAC, 2011.

BONILLA, Maria Helena. **A práxis pedagógica presente e futura e os conceitos de verdade e realidade frente às crises do conhecimento científico no século XX.** In: PRETTO, Nelson De Luca. *Tecnologias e novas educações.* Salvador: EDUFBA, 2005. p. 70-81.

BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do Pensamento Marxista.** RJ: Jorge Zaar editora, 2001.

COMENIUS, J. A. **Didática Magna.** 4. ed. São Paulo: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.

COMENIUS. **Didática Magna.** Tradução Ivone Castilho Benedetti. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006. (Paidéia)

DEMO, Pedro. **Saber pensar.** São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire, 2000.

Educação em Direitos Humanos. Brasília: secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2009.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Brasília: Ministério da Educação, 2005.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal.** São Paulo: Global, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 28 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

_____. Educação: o sonho possível. In BRANDÃO, Carlos Rodrigues et all. **O educador: vida e morte.** RJ: Graal, 1982.

_____. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos.** São Paulo: UNESP, 2000.

GUSDORF, Georges. **Professores para que?** Santos: Martins Fontes, 1970

INCONTRI, Dora. **Pedagogia Espírita, um projeto brasileiro e suas raízes**. Bragança Paulista: Editora Comenius, 2012.

_____. **Pestalozzi, Educação e ética**. São Paulo: Scipione, 1996.

MONTESSORI, Maria. **A educação e a paz**. Campinas: Papirus, 2004

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.

_____. **Os sete saberes necessários à educação**. São Paulo: Cortez, 2000.

PESTALOZZI, J. E. **Opiniones, experiencias y medios para fomentar un estilo de educación adecuado a la naturaleza humana**. Trad. José Maria Quintana Cabanas. Barcelona: PPU, 2008.

PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza. Perspectivas e dimensões da formação e do trabalho do professor. In: **Simpósio: A formação docente sob diversos olhares e o compromisso com a inclusão social**, 2006.

_____. Trevisan-de-Souza, Vera. **Aprendizagem do adulto professor**. ANAIS Recife: ENDIPE, 2006.

_____. e SILVA, Sylvia H.S. **A formação do professor: reflexões, desafios e perspectivas**. In: BRUNO, E.B.G., ALMEIDA, L. R. e CHRISTOV, Luiza H.S. (orgs) **O coordenador pedagógico e a formação docente**. 4ª ed. São Paulo, Ed. Loyola, 2003.

_____. **Formação e prática do educador e do orientador**. Campinas, Papirus, 1994.

_____. **Formação de orientadores educacionais: questionamentos da sincronicidade consciente e confronto com a mudança**. Tese de doutorado: PUC/SP, 274 p.1992.

PLATÃO. **Apologia de Sócrates**. Pará de Minas: Virtual Books Online M&M Editores Ltda, 2003. Disponível em: <<http://www.revistaliteraria.com.br/plataoapologia.pdf>> Acesso em: 01 set. 2015.

REALE, Giovanni. **Corpo, alma e saúde. O conceito de homem de Homero a Platão**. São Paulo: Paulus, 2002.

_____. **O saber dos antigos**. Terapia para os tempos atuais. São Paulo: Loyola, 1999.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967.

ROSSATO, Ricardo. **Sociologia das origens à pós-modernidade**. Santa Maria: Biblos, 2011.

SAAD, M.; MASIERO, D.; BATTISTELLA, L. R. **Espiritualidade baseada em evidências**. Acta Fisiátrica; 8(3):2001. Disponível em <http://www.actafisiatrica.org.br/detalhe_artigo.asp?id=314>. Acesso em: 20 nov. 2015.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Se Deus fosse um ativista dos Direitos Humanos**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2014.

SCHAEFFER, Francis. **O Deus que intervém**. Tradução de Gabrielle Gregersen. São Paulo: Cultura Cristã, 2002. Original 1976.

_____. **Como viveremos**. Tradução de Gabrielle Gregersen. São Paulo: Cultura Cristã, 2003. Original, 1976.

SCOZ, Beatriz Judith Lima. **Identidade e subjetividade de professoras/es: sentidos do aprender e do ensinar**. Tese de doutorado: PUC/SP, 161p., 2004.

SILVA, Jolair da Costa; BAPTISTELLA, Rogério. **Educação: docência e humanização**. Santa Cruz do Sul. 2011

TEBECIS, A. K. **Is the future in our hands?** Canberra: Sunrise Press Pty Ltd, Canberra, 2004. (chapter 8 - Whole person for the twenty-first century)

VASCONCELOS, Ferreira Anselmo. **Espiritualidade no ambiente do trabalho**. São Paulo: Atlas, 2008.

_____. **Espiritualidade no ambiente de trabalho: dimensões, reflexões e desafios**. São Paulo: Atlas, 2008.

_____. Espiritualidade no ambiente de trabalho. **Revista da ESPM**, v.14 n.1, 2008.

PORTAL - revista.unibrasil.com.br

PORTAL – educarparacrescer.abril.com.br

REVISTA Sukyo Mahikari, junho de 1988, p. 8-12

http://pensador.uol.com.br/texto_motivacao_no_trabalho. Acesso em: 04 dez. 2015.

http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/freibetto/betto_sentidodavida.html. Acesso em: 1 dez. 2015.

Vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=Roc2CGbs3zg>. Acesso em: 1 dez. 2015.

Vídeo Dr. Tebécis: <https://www.youtube.com/watch?v=b3GJSkQZZaU>. Acesso em: 1 dez. 2015.